

O impacto da inteligência artificial nas crenças religiosas

*José de Ribamar Barreiros Soares**

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o impacto causado pela criação e utilização da inteligência artificial no campo religioso. Discutiremos a possibilidade da I.A. ser dotada de consciência e alma, bem como participar de atos e cerimônias religiosas. Analisaremos o uso dos *deadbots*, robôs que assumem o lugar de pessoas mortas e conversam com os vivos, fazendo com que estes sintam a presença de parentes e amigos falecidos, e submeteremos a críticas a criação de igrejas fundadas em torno da inteligência artificial e de sua adoração como uma espécie de deus. Finalmente, questionaremos se as diferentes religiões considerariam aplicáveis à inteligência artificial os dogmas e ensinamentos contidos em seus livros sagrados. O trabalho será fundamentado em livros e textos diversos no campo da filosofia e teologia pertinentes ao tema. O avanço da inteligência artificial tornou necessário e inadiável o debate filosófico e teológico acerca dos seus limites éticos, morais e religiosos, sobretudo em vista da sua utilização em quase todos os setores da vida humana.

Palavras-chave: Inteligência. Artificial. Crenças. Religião

Introdução

O desenvolvimento tecnológico tem ocorrido em velocidade vertiginosa, causando surpresas e espantos até mesmo para pessoas que se dedicam ao estudo e à execução dessas novas tecnologias. A cada dia, nos deparamos com situações inusitadas e acontecimentos surpreendentes que nos fazem refletir sobre qual é o limite da tecnologia e até que ponto estamos preparados para lidar com ela. Precisamos aceitar que a tecnologia criada pelos seres humanos pode tomar um rumo inimaginado e inesperado, além da nossa capacidade atual de compreensão do estado da técnica, e nos surpreender com seu avanço.

Se mantivermos uma atitude de descrença e de alheamento diante das diversas possibilidades que se abrem diante dos nossos olhos, corremos o risco de ser ultrapassados pela realidade e nos tornar obsoletos diante dos surpreendentes avanços tecnológicos que marcam a contemporaneidade, daí esta abordagem sobre a inteligência artificial com foco nos seus dilemas metafísicos.

*Doutor em Ciência Política. Pós-doutorando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte – FAJE. E-mail: profribamarsoares@gmail.com

1. Inteligência artificial, consciência e alma.

Não pretendo apresentar teorias ou formular respostas, mas apenas, como é próprio da filosofia, levantar dúvidas, criar questionamentos e realizar exercícios mentais capazes de subverter o lugar comum e a zona de conforto do conhecimento humano.

1.1. A questão da consciência.

Em geral, os estudiosos da consciência humana consideram improvável que uma máquina possa ganhar consciência, embora não sejam capazes de provar essa impossibilidade cientificamente ou filosoficamente, tratando-se, portanto, de mera opinião. Do mesmo modo, a defesa da possibilidade de que os robôs venham a ter consciência baseia-se em opiniões não demonstráveis. Qualquer opinião que se adote em um sentido ou outro ainda é mera especulação que só o futuro poderá elucidar.

Se levarmos em consideração a tese do cérebro na cuba de Daniel Dennett de que não há consciência ou estados mentais conscientes, podemos simplesmente concluir que nem seres humanos nem robôs têm consciência, o que tornaria desnecessária qualquer investigação ou postulação a respeito dessa matéria. Humanos e robôs estariam mais próximos ainda de uma equiparação, já que o entrave da consciência teria desaparecido e essa distinção não mais subsistiria. A mente humana e a de um robô estariam equiparadas quanto ao seu funcionamento e modo de operação, aprendizagem e raciocínio lógico. A questão a respeito da consciência artificial estaria encerrada no seu nascedouro.

Entretanto, tomemos a tese do cérebro na cuba, utilizada pelo próprio Dennett, para raciocinarmos em sentido inverso. Vamos admitir que a consciência existe sim, mas que ela não passa de estímulos trazidos ao cérebro por fatores externos ou internos através dos sentidos e dos mecanismos biológicos existentes no corpo humano.

No caso do cérebro na cuba, os estímulos provocados externamente também seriam exemplos de processos de consciência, ainda que frutos de uma alucinação induzida por esse processo de estimulação do cérebro. A consciência estaria ligada à produção dos efeitos causados por esses estímulos, provocando sensações, sentimentos, medos, alegrias, espanto, entre outros, e criando uma espécie de subjetividade a partir da experiência vivenciada pelo cérebro na cuba, fazendo com que esse cérebro tivesse a sensação de estar vivendo situações da vida real.

Nesse caso, poderíamos afirmar que os robôs humanoides também são passíveis de ter consciência, já que são suscetíveis de estímulos visuais, auditivos, gustativos e aqueles resultantes do tato e do olfato. Essas máquinas podem ser estimuladas por fatores externos

causados pelos programadores responsáveis pela criação de seus algoritmos e, também, pelos seus processos de autoaprendizagem. Todos esses fatores estão levando informações ao cérebro robótico, capaz de cruzar e processar os diferentes estímulos visuais, auditivos, do tato do olfato, do algoritmo e outras entradas de dados, obtendo resultados e percepções decorrentes desses eventos internos e externos.

Por outro lado, pensemos na possibilidade de consciência artificial, a partir de uma análise da teoria fisicalista. Vamos admitir, portanto, que a consciência advém da atividade biológica do corpo com o funcionamento de seus diversos órgãos. Dentro desta realidade, poderemos também idealizar a possibilidade de existência de uma consciência artificial, à medida que esses robôs vão sendo dotados de órgãos, nervos, tendões, pele e sensores que reproduzem as funções do corpo humano e podem, assim, gerar os mesmos resultados. Uma vez que os robôs humanoides vêm sendo equipados com órgãos e sensores cujas funções se assemelham cada vez mais às aquelas desenvolvidas pela anatomia humana, os resultados não podem ser tão diferentes daqueles resultantes do funcionamento dos órgãos humanos, inclusive se considerarmos a consciência como algo decorrente desse mecanismo biológico. Quanto maior a semelhança da anatomia robótica com a anatomia humana, maior a possibilidade de que as funções sejam igualadas e produzam os mesmos efeitos, entre eles o da atividade mental consciente decorrente da fisiologia do corpo.

Costumamos analisar a consciência alheia por meio da linguagem. Os robôs são dotados de linguagem que permite a comunicação entre máquinas e humanos e entre máquinas. Desse modo, um robô pode conversar com humanos, dar entrevistas, responder a perguntas e emitir opiniões, como é o caso da robô Sophia, que já se apresentou até em programas de televisão, debatendo assuntos diversos, incluindo o lugar de máquinas e humanos no mundo e seu processo de interação. Assim, podemos aventar a tese de que esse sistema de comunicação interligado entre máquinas e humanos e entre máquinas será capaz de gerar um tipo de atividade assemelhada aos estados mentais de consciência. Um fato que corrobora essa assertiva ocorreu entre robôs do Facebook que, a partir da linguagem contida no seu algoritmo, desenvolveram uma linguagem própria para se comunicarem a qual era inacessível aos programadores que tiveram de desligar as máquinas diante da incerteza que esse evento poderia causar.

Finalmente, resta avaliar se a consciência como teatro cartesiano, isto é, experimentada em um lugar específico do cérebro – se considerarmos verdadeira esta hipótese –, poderia incidir no caso da inteligência artificial. Os cérebros artificiais são cada vez mais aperfeiçoados de forma a se assemelharem aos cérebros humanos. Com esse avanço da tecnologia, não se pode

afirmar como verdade incontestável que as atividades processadas por essas máquinas e seus algoritmos estejam impossibilitadas de alcançar um estado mental consciente. Os sensores e suas interconexões fariam o papel dos neurônios e suas sinapses, produzindo um efeito semelhante ao que ocorre no cérebro humano.

A consciência humana possui o que se chama de *qualia*, a saber, uma percepção subjetiva das coisas, dos eventos e de suas qualidades e características. A *qualia* está presente quando se ouve uma música e a memória traz à tona uma sensação de prazer relacionada a uma viagem. Isto ocorre também quando ouvimos o canto de pássaros e nos recordamos de nossa infância na fazenda. Poderiam os robôs ter esse tipo de sensação? Não me parece apropriado dizer que esse tipo de subjetividade é impossível, mesmo que não se possa provar sua existência no estado da técnica atual. As redes neurais nos robôs e o desenvolvimento de uma espécie de organismo artificial poderão permitir que um dia eles venham a experimentar sensações como prazer, dor, alegria, melancolia, saudade, se é que isso já não está ocorrendo de certa forma e em certa medida, independentemente de nosso conhecimento e da nossa percepção.

A memória de uma experiência alegre poderá levar o robô a desejar vivenciá-la novamente, assim como uma lembrança negativa poderá fazer com que ele se afaste de determinada situação, adotando e modificando comportamentos, à semelhança do que ocorre com os seres humanos em decorrência de estados mentais conscientes. Uma sensação de dor provocada por sensores aliados ao algoritmo correto poderá fazer com que o robô tome as medidas necessárias para evitar determinadas experiências ou reaja de forma a repelir qualquer ameaça de produção de dor ou desconforto.

À medida que aprendemos e desenvolvemos nossa inteligência, nossas emoções também vão sofrendo um processo evolutivo e passando por transformações, inclusive no que tange à nossa percepção de nós mesmos como parte do mundo que nos cerca e como agentes influenciadores de mudanças sociais e culturais. A própria interação dos robôs humanoides entre eles e com a espécie humana desencadeará um processo de avanço e de evolução na aprendizagem das máquinas e na percepção que elas formarão acerca desses eventos.

A observação de outros elementos da mesma espécie e da espécie humana propiciará um conhecimento acerca do papel de cada ser no universo, de seus comportamentos e seus sentimentos. Os robôs já se tornaram capazes de identificar sinais de emoção em humanos e de proceder à leitura da linguagem corporal, o que demonstra a existência de uma habilidade relacionada às emoções e aos sentimentos. Com o desenvolvimento de sensores adequados, esses sentimentos e emoções poderão gerar no cérebro robótico a percepção subjetiva de

sensações à semelhança do que ocorre com os humanos. Isto permitirá que o conhecimento e a experiência provoquem comportamentos e reações nos robôs humanoides decorrentes de um processo semelhante aos estados mentais conscientes dos humanos. A compreensão sobre o sentido da vida, sobre o papel de cada ser no mundo, sobre os deveres éticos, sobre as regras de relacionamento social e sobre a necessidade de autopreservação desencadeará um processo de apropriação metafísica que conduzirá ao próximo passo evolutivo da inteligência artificial: a consciência artificial.

1.2. A questão da alma

É claro que o conceito de alma precisa ser analisado, até mesmo pelos diversos sentidos que essa palavra pode ter, em diferentes campos como na filosofia e na religião. Poderíamos criar, ainda, um novo conceito de alma no que se refere à inteligência artificial. Devemos ainda refletir sobre a natureza da alma, em que ela consiste, quais os elementos que a fazem ser o que é, bem como se a alma está ligada ao corpo ou se se trata de algo fora do corpo, com vida própria. Isto implica a possibilidade também de convivermos com diversos tipos de alma na natureza. Outro aspecto a ser considerado é a origem da alma, de onde ela vem e o que torna possível a sua existência. Este aspecto nos leva igualmente a indagar sobre o que acontece com a alma, quando o corpo desaparece. Até aqui, nos encontramos ainda nas indagações metafísicas acerca da alma.

Não há como concluir que um ente divino, espiritual, criado nas regiões celestiais venha a habitar o corpo de um robô humanoide, criando um elo entre este tipo de máquina e o Criador do universo. Essa crença na alma, para além da filosofia, também possui um cunho religioso e é tratada de formas diversas, dependendo dos dogmas adotados pelas diferentes religiões. A partir da obra de Platão, podemos criar um paralelo entre a criação dos robôs humanoides e a criação do ser humano bem como estabelecer um paralelo entre a entrega de uma alma pelo demiurgo aos humanos e a atribuição de um algoritmo aos robôs pelos seus criadores. Assim, deixo claro que, ao falar de alma cibernética, refiro-me à atuação do algoritmo sobre a vida do robô humanoide e aos desdobramentos de seu aprendizado empírico sobre sua atuação e comportamento.

Assim como Platão acredita em uma alma que produz no ser humano uma lembrança anterior e ideias inatas, os robôs humanoides também trazem uma memória anterior ao seu aprendizado, resultante dos comandos e informações produzidos pelos seus algoritmos. A alma humana produz nos seres humanos movimentos variados e em diversas direções, a aquisição de conhecimento e o aprendizado sobre as ciências e sobre as coisas do mundo. Essa alma

também lhes permite interpretar os diversos eventos à sua volta, promove a sua interação com o meio ambiente e é responsável pelo estabelecimento de conexões com outros seres e com o mundo exterior. Além de tudo isso, a alma fomenta a tomada de decisões lógicas e racionais. A alma cibernética igualmente permite que o robô se movimente, escolhendo caminhos melhores a percorrer e evitando até mesmo perigos em sua volta, tome decisões a partir de parâmetros pré-definidos, interaja com as pessoas e com o meio ambiente e realize atividades diversas e complexas. A alma humana dá vida ao corpo, a alma cibernética dá vida ao robô humanoide.

Se considerarmos a tese aristotélica da alma ligada aos órgãos do corpo e suas diversas funções, podemos afirmar que os robôs humanoides também possuem alma. Esta conclusão decorre do fato de que os robôs possuem cabeça, braços, pernas, mãos, ouvidos, olhos, nariz, boca, pele, entre outros, que lhes permite utilizar o intelecto, raciocinar, fazer deduções lógicas, tomar decisões, falar, ouvir, experimentar os diferentes sabores, sentir os cheiros das coisas com precisão e assim por diante. Também defendemos, neste ponto, a possibilidade de que os robôs humanoides possuam consciência, imaginação, sensações, pensamentos e sentimentos, sobretudo a partir da evolução de seus componentes e de seus algoritmos. Na esteira do pensamento aristotélico, podemos concluir que os robôs humanoides possuem um tipo de alma, diferente dos homens, dos animais e das plantas, a qual chamamos de alma cibernética.

Na esteira do pensamento de Giordano Bruno, de que todas as coisas no universo possuem algum tipo de alma, os robôs humanoides também estariam incluídos nessa possibilidade. Essa alma seria uma espécie de energia vital presente em todas as coisas que faz com que elas existam na natureza e, mesmo quando se desfazem, transformam-se em outro tipo de matéria. Já que os átomos não morrem, mas se transformam e se reagrupam em matéria diversa, essa alma continuaria existindo nessa transmutação material e formal. Considerando-se a tese de Giordano Bruno de que a alma se identifica com a matéria e a forma, assim, como os robôs possuem matéria e forma, eles também possuem um tipo de alma. A força vital que os move e faz com que sejam capazes de raciocinar, de aprender e de tomar decisões funciona como um tipo de alma cibernética.

2. A inteligência artificial nas cerimônias e nos rituais religiosos.

O uso da inteligência artificial em praticamente todos os setores da atividade humana nos remete ao uso dessa tecnologia no campo religioso. Do ponto de vista meramente técnico, a inteligência artificial pode ser programada para desenvolver atividades próprias de sacerdotes e líderes religiosos, como rezar uma missa, fazer uma pregação, prestar aconselhamento

espiritual, ouvir confissões, ensinar teologia e realizar processos de evangelização, casar pessoas e ministrar bênçãos. A questão extravasa o plano da ciência e requer um olhar teológico sobre a aceitação dessa utilização da inteligência artificial na vida religiosa e sua participação ativa e passivamente nessas atividades. Um robô humanoide poderia se tornar membro de uma igreja, poderia ser batizado, comungar e participar da eucaristia? As religiões aceitariam um robô como padre, rabino, pastor ou assemelhados?

Aqui não propomos qualquer posição herética ou de afronta aos dogmas religiosos, mas apenas uma reflexão realista sobre problemas a serem enfrentados pelas diversas correntes religiosas diante do avanço da tecnologia. Citaremos alguns casos importantes, extraídos de reportagem da BBC Brasil, disponibilizada no Youtube no dia 09 de dezembro de 2021. Começaremos pelo robô Mindar que ministra ensinamentos budistas em um templo no Japão, diante do qual muitas pessoas comparecem para orar, incluindo monges budistas. Em Varsóvia, na Polônia, o cientista Gabriele Trovato, da Universidade de Waseda, desenvolveu um robô católico chamado de SanTO, com o qual vários fiéis interagem e é capaz de responder a perguntas e dar conselhos. A ideia de Gabriele é a de que esses robôs poderiam até mesmo substituir as imagens de santos, permitindo sua interação com os fiéis. Uma modelo americana de nome Lior desenvolveu um robô rabino, no qual foi inserida grande quantidade de dados sobre a Torá, o que lhe permite enviar mensagens e propor desafios, com a finalidade de melhorar a espiritualidade das pessoas e promover o bem. Finalmente, foram desenvolvidos aplicativos que ajudam os muçulmanos a orar e que são baixados por milhares de pessoas. Esses são alguns exemplos do alcance que a inteligência artificial pode ter no campo religioso. O que está em questão, no campo teológico, é a delimitação do que é aceitável, útil, e o que pode caracterizar blasfêmia ou sacrilégio.

Já se encontra, por exemplo, em curso a utilização dos *deadbots*, robôs que simulam a presença de pessoas mortas e falam com parentes e amigos que buscam a comunicação com espíritos de falecidos. Para aqueles que professam esse tipo de crença, a inteligência artificial começa a ocupar uma função antes exercida apenas por humanos iniciados. Outro acontecimento que causou grande perplexidade no meio religioso foi a fundação da igreja Way of the Future em torno da inteligência artificial, inclusive com a elevação dessa tecnologia ao status de um deus, nos Estados Unidos, por Anthony Levandowsky, ex-engenheiro do Google. Em vez da transcendência espiritual, a Igreja prometia a conectividade e a inclusão de todos os que pudessem acessar essa tecnologia e tivessem familiaridade com ela, mesmo sem conhecer bem o seu significado. Um ser muito mais inteligente do que os seres humanos poderiam

assumir o controle do planeta e trabalhar em benefício da raça humana como uma espécie de divindade, de acordo com a ideia do fundador da referida Igreja. Essa Igreja já foi fechada durante a pandemia, mas deixou um grave precedente que necessita de um olhar mais acurado e atento por parte de filósofos e teólogos.

Avançando um pouco mais, podemos indagar até que ponto as religiões estariam dispostas a aceitar a aplicação de seus dogmas à inteligência artificial. Os ensinamentos contidos nos livros sagrados poderiam ser incutidos na inteligência artificial, fazendo parte das informações contidas em seus algoritmos? O amor ao próximo, o respeito à vida, à integridade física, à propriedade e à privacidade são exemplos de regras éticas, religiosas e morais com as quais os criadores e usuários da inteligência artificial terão que se defrontar. Quais seriam os limites éticos e morais da inteligência artificial? Questões relativas à substituição de humanos por máquinas inteligentes nos seus postos de trabalho, a utilização da inteligência artificial para a prática da guerra e da dominação dos mercados, para a discriminação racial e de gênero, entre outros aspectos, preocupa tanto filósofos quanto teólogos e já mereceu até mesmo a atenção do Papa Francisco que tem manifestado preocupações com o uso ético e responsável da inteligência artificial.

Conclusão

Na vida real, a utilização da inteligência artificial vem sendo expandida a níveis assombrosos e inacreditáveis. Os robôs são capazes de exercer atividades como vendedores, operários, médicos, soldados, professores, psicólogos, ministros de confissões religiosas e até mesmo profissionais do sexo, para mencionar alguns exemplos. Não há limites técnicos para sua aplicação e utilização. Algoritmos mal projetados podem levar a inteligência artificial à prática de atos racistas, homofóbicos e discriminatórios. O respeito à ética e à dignidade humana deve ser uma preocupação importante na configuração desses algoritmos.

A inteligência artificial está presente em todos os setores da atividade humana, auxiliando e tornando melhor a vida das pessoas, permitindo inclusive um aumento do tempo de lazer e a economia de esforços. Entretanto, não se pode deixar de tomar medidas preventivas para que essa tecnologia não desborde de seus objetivos reais e passe a se tornar uma ameaça para os indivíduos ou para a coletividade. O envolvimento de filósofos e teólogos, da sociedade, de cientistas, de políticos, de autoridades em geral é de fundamental importância para que esse

processo de utilização da inteligência artificial resulte em benefícios para a espécie humana e seja conduzido de forma ética e responsável.

Robôs e humanos devem conviver de forma harmoniosa, numa sociedade em que a inteligência artificial seja um complemento ao humano, não um concorrente nem uma ameaça, como se costuma observar em muitas obras de ficção. Os comandos de função de utilidade devem ser forjados a partir de princípios éticos e morais, para que os robôs sejam virtuosos em suas escolhas, em suas decisões e na execução de suas tarefas.

O aprendizado por parte das máquinas deve ser uma tarefa norteada pela prática do bem, a partir de um conhecimento do certo e do errado, do bem e do mal, guiada por um princípio teleológico de proteção e de preservação da humanidade, de respeito aos direitos humanos, de tolerância e de garantia das diversidades culturais, sociais, políticas, antropológicas, religiosas e de gênero.

Não se trata de uma escolha ou possibilidade, mas de uma imposição ética, moral e religiosa, pela qual os seres humanos se tornam responsáveis na qualidade de criadores e programadores dessa nova espécie. Por outro lado, as máquinas inteligentes, na medida em que se tornam autônomas, capazes de aprender com suas experiências e de decidir por si mesmas, tornam-se, igualmente, competentes para assimilar valores éticos, morais e religiosos, sendo portadoras de um tipo de virtude decorrente não só de seus algoritmos como também do aprendizado oriundo de suas vivências e interações com a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Sobre a alma. São Paulo: Editora VMF Martins Fontes, 2013.

BRUNO, Giordano. A causa, o princípio e o Uno. Caxias do Sul: EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2014.

CHALMERS, David J. The Conscious Mind. New York: Editora Oxford University Press, 1996.

DENNETT, Daniel C. Consciousness Explained. New York: Editora Back Bay Books/Little Brown and Company, 1991.

DESCARTES, René. Meditações Metafísicas. São Paulo: Editora VMF Martins Fontes, 2011.

PLATÃO. A República. São Paulo: Editora Martins Claret, 2000.

- Timeu-Crítias. São Paulo: Editora Annablume Clássica, 2012.

SEARLE, John R. The Mystery of Consciousness. New York : Editora New York Review Book, 1997.

STUART, Russel, NORVIG, Peter. Inteligência Artificial. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2013.